

**A experiência das ruas:
Os protestos do #contraoamento em Teresina (2011-2012)**

*Cláudia Cristina da Silva Fontineles^I
Sthênio de Sousa Everton^{II}*

RESUMO: O presente artigo visa analisar como os sujeitos envolvidos com protestos contra o aumento das passagens de ônibus em Teresina, nos anos de 2011 e 2012, (re)significam a experiência de terem participado do movimento conhecido como #Contraoamento, expondo interpretações distintas entre os envolvidos sobre o protagonismo e o desfecho dessas mobilizações urbanas. Defendemos que, ao utilizar novas formas de organização e ações de protesto, esses manifestantes empreenderam um diferente modelo de atuação nas ruas. Nesse sentido, expressa a força da experiência de sujeitos que participaram dos protestos e que experimentaram múltiplas formas de organizações, sejam elas consideradas tradicionais ou novas. Além de entrevistas, utilizamos como fonte de pesquisa, jornais impressos, documentos, fontes oficiais e mantivemos a interlocução teórica com, Alessandri Portelli (2005) Hardt;Negri (2014), Ermínia Maricato (2015), Jean-Pierre Rioux (1999).

Palavras-chave: História, #Contraoamento, Teresina.

The experience of the streets: the protests of #Contraoamento in Teresina (2011-2012)

Abstract: This paper analyzes how people associated with the protests against the Teresina's increase of the bus fare during the years of 2011 and 2012 resignified the experience of being part of what is now known as #Contraoamento, showing different point of views about the leading and outcome of the event. Ours argument is that utilizing new methods of organization and new activities of protests, the protesters tried a different model of action. In this sense, express the power of the experience of subjects that contributed to the protests and have experienced multiples forms of organization, some traditional and some new. In addition to interviews, we used as resource of research, printed newspapers, documents, official sources and we maintained the theoretical interlocution with, Alessandri Portelli (2005) Verena Alberti (2004), Ermínia Maricato (2015), Jean-Pierre Rioux (1999).

Keywords: History, #Contraoamento, Teresina.

Artigo recebido em 06/05/2017 e aprovado em 18/07/2017.

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

Introdução

A partir do mês de agosto de 2011, e posteriormente em janeiro de 2012, a cidade de Teresina foi marcada por uma série de protestos que ficaram conhecidos como “#Contraoamento”. A expressão indicada pela *hashtag* indica uma das primeiras características desses protestos, foram manifestações que tiveram como um dos seus espaços de gestação e desenvolvimento dentro do assim chamado ciberespaço^{III}. Desse modo, esse foi um movimento que inovou no cenário local por ser organizado fora de uma esfera clássica de mobilização social.

Antes de tudo, o #Contraoamento foi uma série de protestos que tiveram uma mobilização via redes sociais, uma característica inovadora, que permitiu que diferentes sujeitos tivessem acesso à sua mobilização. Por mais que o #Contraoamento tenha sido marcado por protestos liderados por movimentos sociais, partidos, e coletivos de movimento estudantil, sua pluralidade de atores, foi uma de suas principais características iniciais.

Outro ponto de destaque dessas mobilizações contemporâneas é o entendimento que foram de alguma forma, acontecimentos que tiveram ligações com outros eventos que ocorreram no Brasil e no mundo e fizeram parte, portanto, de um movimento internacional que contestou sistemas sociais, regimes políticos e o próprio viver nas cidades; do nordeste brasileiro à Praça *Tahrir* no Egito^{IV}, da Avenida *Wall Street* em Nova York, aos indignados da Espanha. Entre 2008 e 2013 o mundo viveu uma primeira onda de levantes populares^V.

Esses protestos, mais do que mero acontecimentos esporádicos de revolta popular, marcaram o cenário contemporâneo do mundo, desde reivindicações mais diretas, - diminuição do preço das passagens de ônibus -, até mudanças estruturais do modo de vida da sociedade de um modo geral, como reivindicou o movimento “*Occupy Wall Street*”^{VI}. Vivemos na Era da informação^{VII}, em que os Estados-Nação estão em plena dissolução e as novas formas de organização baseadas nas Tecnologias de Informação influenciam, e são influenciadas pelas sociedades, de modo que nesse novo paradigma, as formas de luta sociais também se alteraram.

A partir disso, compreendemos a importância de que a História, enquanto disciplina científica possui no desenvolvimento de estudos que busquem, assim como outras áreas do saber, constituir um conhecimento a respeito desses “novos” tempos. Sabemos que o saber histórico é diuturnamente confundido com o próprio passado, fazendo com que muitos entendam que o presente não pode ser objeto, ou mesmo período de estudos dos historiadores. No entanto, esse posicionamento historiográfico, de acreditar que História só tem no passado distante seu objeto de estudo, não pode se tornar um estatuto absoluto que aprisione a disciplina e o seu artesão numa dada periodização fechada. Antes de tudo, a História é um campo de possibilidades^{VIII}.

Essa visão historiográfica que compreende a História como apenas o estudo do passado distante, também é uma construção histórica^{IX} que teve um início e que, portanto, também pode ter um fim, ou uma redefinição. Porém, é nítido que essa visão é a predominante entre a comunidade historiográfica, a ponto de ser cristalizada por muitos como uma verdade absoluta. Nesse trabalho, por exemplo, partimos de outra concepção, a que o passado distante não é uma “prisão” que encerra o saber histórico

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

temporalmente, e que o presente se apresenta como objeto da História, uma real demanda da sociedade contemporânea^X.

Antes de tudo, História também é o presente. O presente dos homens e mulheres, o presente das sociedades, o presente da cultura e da política, o presente das religiões e o presente das dinâmicas dos mundos do trabalho. A História só tem razão e significado para as sociedades que a tecem naquele momento, e é para ele, que sua produção se volta. Não compreendemos a História como um saber que seja atemporal. Pelo contrário, o presente é que constrói a História, e o passado nessa perspectiva, é uma ponte, um arco que construímos na nossa busca incessante de compreender o presente. Por mais fugaz, volátil ou movediço que seja, é o presente por fim, o nosso objetivo, e é ele que embasa nossos “regimes de verdade”.

Como afirma Jean-Pierre Rioux, é a própria sociedade que impulsiona o historiador a elencar o presente como sendo uma possibilidade de seu ofício, é ela, “que lhe sugere não tropeçar diante do obstáculo da proximidade e até mesmo utilizá-lo para melhor saltar”^{XI}. Assim, como nos sugere o historiador francês, usamos a proximidade temporal com os protestos do Contra o aumento, como ponte para “saltar” e tentarmos a tortuosa, porém ansiada, tarefa de analisar seu impacto na vida urbana e política da cidade de Teresina.

No presente trabalho, discutiremos o impacto da experiência dessas manifestações na configuração de uma nova forma de representatividade política, em que as clássicas lideranças das esquerdas, perderam espaço no embate político das ruas, ocasionando novas formas de expressão política. Essa afirmação tornou-se mais clara quando no ano de 2013 eclodiram pelas principais cidades do país diversas manifestações que ficaram conhecidas como “jornadas de junho”. Iniciadas por movimentos claramente de esquerdas como o Movimento Passe livre - MPL, esses protestos logo foram tomados por uma massa de indivíduos que recusaram essas lideranças e posteriormente expressariam uma postura quase fascista.

Em geral, manifestações populares como as do #Contraoamento e as “jornadas de junho” eram “monopólio” exclusivo de grupos políticos de esquerda, principalmente após a redemocratização do Brasil, na década de 1980, que viam naquelas mobilizações uma possibilidade de demonstração de força política, capaz de abrir “portas para o diálogo” com as autoridades constituídas, na busca da implantação das reivindicações de suas pautas. Porém, essa foi uma realidade que vem se alterando desde a segunda metade do século XX e começo do presente século. Situação essa que podemos perceber no chamado “ciclo de lutas”, iniciados após a crise do capitalismo de 2008.

Nesse sentido, os estudos de David Harvey, de Michael Hardt e de Antonio Negri, atuam como possibilidades de entendimento dessa nova conjuntura. Por um lado, David Harvey busca entender como esses protestos podem ser vistos como um resultado da política urbana de produção da cidade na contemporaneidade pós-industrial; já Hardt e Negri aprofundam ainda mais a análise, ao explicarem como esse ciclo de lutas despontava como uma espécie de “contra-poder”, ou uma declaração de resistência contra a condição geral da vida social^{XII}.

As estruturas sociais e políticas do mundo foram abaladas em 2011 quando milhares de pessoas empreenderam gigantescas ocupações em praças, ruas e monumentos, reivindicando desde questões objetivas – como a saída de regimes ditatoriais em diversos países árabes – a questões mais complexas, como aquelas levantadas pelo movimento *occupy Wall Street*, que reivindicaram uma nova forma de sociedade, criticando de forma direta a financeirização do capitalismo, sua mais recente

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

modalidade. Abordando os movimentos de 2011, Hardt e Negri apontaram um novo ciclo de lutas “que mudou o terreno do debate político e abriu novas perspectivas de ação política”^{XIII} no decorrer daquele ano.

Em Teresina (PI) não foi diferente. A força das redes sociais na convocação de protestos não influenciou apenas na aglomeração popular, mas foram usadas pelos manifestantes também como um contraponto ao discurso dos grandes veículos de comunicação local, que diariamente chamavam os manifestantes de arruaceiros, tentando caracterizar o movimento apenas como baderna.

Usando plataformas como o *Twitter*, muitos manifestantes transmitiam notícias instantaneamente para toda a cidade, enviavam imagens e vídeos, muitas vezes mostrando a truculência da repressão policial. Dessa forma, ao invés de procurarem os canais de comunicação tradicionais para tentar transmitir seus argumentos, eles usavam as redes sociais para disseminar instantaneamente a sua versão dos fatos e se contrapor ao que era divulgado na mídia corporativa.

Organizar protestos, mobilizar grupos e comandar manifestações, historicamente são uma das principais armas políticas de grupos políticos de esquerda, que acreditam na mobilização popular como forma de pressionar os poderes constituintes em pautas de interesse coletivo.

Em Teresina, a questão do aumento da tarifa de ônibus, desde a redemocratização brasileira, teve, em entidades estudantis ligadas a coletivos de esquerda, suas principais unidades de mobilização. Esses problemas eram anteriores a esse período, mas só puderam se tornar pauta de contestação pública com o advento da democratização, em que a sociedade civil passou a poder expressar suas inquietações sociais.

Nesse sentido, durante as mobilizações do contra o aumento, a indignação com o aumento da tarifa de ônibus, e a quebra do monopólio da representação política das esquerdas, foram fundamentais para a adesão de mais sujeitos aos protestos. Não se viu apenas sindicatos, coletivos, ou juventude de partidos de esquerda, mas também perfilaram grupos de *punks*, apartidários, secundaristas, etc. que posteriormente ficariam conhecidos como “Os Independentes”.

Quase anualmente a prefeitura adotava uma política de aumento dos preços das passagens, provocando indignação popular, uma vez que as pessoas não viam no sistema de transporte coletivo, qualidade na oferta de serviços que fosse proporcional o aumento da passagem de ônibus. Mas os problemas não advinham apenas do preço cobrado pelas empresas de ônibus, o serviço oferecido estava muito a quem das necessidades da população. Isso não começara nos anos 2000.

Em janeiro de 1995 moradores da comunidade Vila Costa Rica, uma região com população predominantemente de baixa renda, localizada na zona sul da capital, bloquearam uma avenida em protesto pela mudança do percurso dos ônibus que atendiam aquelas comunidades. Em entrevista ao jornal Meio Norte, a presidente da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários (FAMCC-PI), Lucineide Barros, declarou que,

A cidade de Teresina hoje está péssima, por conta de um sistema deficiente que não tem ônibus pra atender a população. Os ônibus estão velhos, sucateados e ainda padecemos principalmente, pela falta de condições da superintendência de fiscalizar o sistema. A superintendência tem sempre se colocado do lado dos empresários.^{XIV}

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

Desse modo, os problemas decorrentes dos serviços de transportes coletivos por ônibus de Teresina não eram novos, muito pelo contrário, estes vieram historicamente se constituindo como um serviço mal visto pela população em geral, que não dispunha de condições de ter um transporte particular, e dependia dos ônibus para deslocar-se pela cidade, seja para trabalhar, estudar, ou para o lazer ou qualquer outra necessidade inerentes à vida em sociedade. Desse modo, fica claro como os transportes coletivos cada vez mais vêm despertando o interesse dos pesquisadores, em razão de sua importância para a vida nas cidades brasileiras, pois são eles os responsáveis pela dinâmica urbana na contemporaneidade.

No caso de Teresina, a indignação que vinha sendo sentida há muitos anos, transbordou nos protestos em 2011 e 2012, de tal forma que nem mesmo o histórico comando dos grupos de esquerda resistiu a tal conjuntura. Os protestos do #Contraoamento foram manifestações populares que aconteceram em Teresina, capital do Piauí, entre os meses de agosto e setembro de 2011 e, posteriormente em janeiro de 2012.

Esses protestos iniciaram-se após a Prefeitura Municipal ter decretado mais uma vez um reajuste da tarifa de ônibus, passando o valor de R\$1,90 para R\$2,10, sendo este o estopim para uma série de mobilizações sociais que teriam como primeira característica uma inusitada mobilização via redes sociais. Porém as redes sociais não funcionaram apenas para a mobilização, durante os protestos, percebeu-se que o seu uso seria muito mais determinante para o sucesso das ações dos manifestantes.

Usando suas redes de contatos no mundo virtual, os manifestantes começaram a contrapor a narrativa adotada pelos principais veículos de informação local. Nesse sentido, o tempo era a principal vantagem das narrativas dos manifestantes, que instantaneamente conseguiam compartilhar vídeos, fotos e relatos no momento das manifestações, e assim estas, por sua vez, disseminavam-se mais rapidamente, do que, por exemplo, as matérias nos jornais impressos que só circulavam no dia seguinte.

Desse modo, entendemos que uma verdadeira guerra de narrativas surgira nos protestos do #Contraoamento. Numa reportagem veiculada no Jornal impresso Meio Norte foram divulgados frases que teriam funcionado como gritos de guerra entoados pelos manifestantes. Segundo a reportagem, os manifestantes, ocupando ônibus e realizando a ação conhecida como “catracaço”^{XV}, gritavam,

Que vergonha, que vergonha, o preço da passagem tá mais cara que a maconha’, ‘que desgraça que desgraça, o preço da passagem tá mais cara que a cachaça’, ‘que tristeza, que tristeza, o preço do ônibus tá mais caro que a cerveja’, cantavam os estudantes.^{XVI}

Dessa forma, o jornal tentou relacionar os manifestantes ao consumo de drogas ilícitas, como se todos seus integrantes aderissem a essa prática, e ao evocar um discurso moralista, o jornal tentava construir certo perfil dos estudantes e daquelas manifestações e estimular a animosidade em relação às manifestações, desfocando os interesses dos protestos. Em outra notícia, o mesmo jornal destacou a irredutibilidade

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

dos manifestantes em negociar com a prefeitura como uma amostra de que não tratava-se de manifestações legítimas, mas somente “baderna”^{XVII}. De forma mais impositiva, o editorial de outro jornal impresso, O jornal O Dia, evocou a deturpação de uma suposta “natureza” dos protestos, por parte de alguns poucos manifestantes. Dessa forma, a narrativa do jornal explicou que essa distorção das manifestações fez com que a população as percebesse como “vandalismo”^{XVIII}.

Por sua vez, os manifestantes usavam plataformas populares da internet como o *twitter* e o *facebook* para confrontar essas narrativas. No dia vinte e dois de janeiro, a estudante Emanuele Madeira tuitou: “#Contraoamento catracaço dando muito certo descendo para a Av. Maranhão. População feliz loucamente”^{XIX}. A Avenida Maranhão é uma das principais avenidas do centro da cidade de Teresina, que conecta as zonas sul à norte e faz fronteira entre a capital e a cidade maranhense de Timon, demonstrando a expansão do movimento pelas principais vias urbanas.

Em outro perfil, foi destacada a criminalização dos protestos, Aracele Torres, “Esse país onde lutar pelos seus direitos é sempre caso de polícia! #Contraoamento #pinheirinho”^{XX}. A postagem denuncia a criminalização do movimento e a atuação do Estado como repressor da luta por justiça social indica um grau de amadurecimento e fundamentação dos participantes, o que evidencia o nível de formação de expressiva parte dos sujeitos que integraram tal movimento.

A esta guerra de narrativas, deu-se o nome, por um lado de *netwar*, ou guerra virtual, onde,

através desta guerra, movimentos sociais ou pequenos grupos podem disputar a primazia da narrativa verdadeira com Estados, instituições e corporações conversando e argumentando com os mais variados membros que frequentam sua teia de páginas *web*, grupos de discussão, redes sociais, *blogs* e outras interfaces de comunicação distribuída.^{XXI}

Desse modo, os manifestantes e entidades que participavam dos protestos conseguiram se contrapor à narrativa dos grandes meios de comunicação local, fazendo com que seus relatos também se fizessem conhecidos por parte da população. Outro ponto singular das manifestações do #Contraoamento foram as disputas políticas entre os mais diversos grupos que atuaram nas ruas. O protagonismo das ações era disputado diariamente, pois era visto como uma importante ferramenta de inserção política. Entre essas entidades, a que mais se destacou foi o Fórum Estadual em Defesa do Transporte Público do Piauí.

Os protestos foram organizados inicialmente pelo Fórum, entidade que reunia diversas outras entidades populares como sindicatos, coletivos estudantis, federações de cursos superiores, etc. que reivindicavam melhorias no sistema de transporte no Estado e, em especial, na capital. Utilizando-se das redes sociais, o fórum rapidamente ganhou adeptos, e os jornais estampavam em suas capas, dias antes, a forte adesão de pessoas na internet. Porém, como veremos a seguir, o “protagonismo” do Fórum, rapidamente daria lugar a uma pluralidade de novas lideranças que, apesar de não aparecerem nos jornais, endogenamente detinham grande parte das ações nos protestos do #Contraoamento, transformando os protestos numa verdadeira disputa dos grupos que perfilavam nas ruas.

Muitos grupos políticos perfilavam-se nas ruas, davam depoimento dia após dia na imprensa, buscando se mostrar como representantes do movimento, líderes daquelas

A EXPERIÊNCIA DAS RUAS: OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

massas. Porém, quando analisamos as práticas empreendidas pelos manifestantes, e analisamos as vozes de muitos que participaram dos protestos, vemos que essa liderança dos protestos era algo mais simbólico, mais aparente, do que realidade para muitos outros que também faziam parte dos protestos. Não que os grupos políticos organizados de esquerda não tivessem força, porém sua representatividade política junto à totalidade dos manifestantes não era homogênea. Pelo contrário, eles tiveram que disputar dia-a-dia essa liderança.

À primeira vista, essa questão pode parecer óbvia, afinal, em protestos populares é esperado uma pluralidade de sujeitos, posicionamentos, ideias, etc. Porém, quando analisamos as narrativas, principalmente da imprensa, é possível percebermos que essa pluralidade praticamente desaparece das análises, constituindo um quadro homogêneo para os consumidores dessas narrativas. Ainda assim, não queremos apenas demonstrar essa pluralidade de grupos e sujeitos, mas demonstrar como endogenamente esses grupos disputam as ruas, e algumas vezes, como no #Contraoamento, outros grupos como os auto declarados “independentes”, os *anarcopunks*, entre outros, assumem as ações dos protestos, tecendo assim outras ações, possibilitando outros resultados também.

As entrevistas de história oral nos permitiram perceber como internamente esses manifestantes se organizaram, além de nos possibilitar entender como os protestos do contra o aumento de Teresina, foi um dos primeiros no Brasil a rejeitar um comando central, que tomava todas as decisões. Todos marchavam juntos, porém, na prática, agiam de formas diferentes, dando aos protestos uma singularidade de práticas que à primeira vista, impediu o Estado de responder adequadamente. Era a hora dos “sem partidos”.

O avanço do #Contraoamento em Teresina

No primeiro dia dos protestos, dia 29 de agosto de 2011, os manifestantes seguiram pelas principais ruas da cidade, em passeata até a frente da sede administrativa da prefeitura municipal de Teresina, por volta do meio dia, e depois de intensas palavras de ordem, os organizadores do movimento deram por encerrado os protestos, convocando as manifestações somente para quinta-feira, porém,

Chegaram em frente à prefeitura, palavras de ordem, na hora o pessoal do que tava com o carro de som, que era o pessoal dos partidos quiseram dispersar ali o movimento, no entanto, o grupo dos independentes chegou, pegou o microfone, uma pessoa pegou o microfone e disse para... que ali o movimento não podia acabar ali naquela coisa, porque seria gratuito, seria ter caminhado feito besta, de graça como todo ano faz, nunca muda nada. E muita gente que estava ali concordou e essa pessoa sugeriu ir até a... o Setut^{XXII}, e invadir o Setut e daquela invasão do setut foi que realmente começou a movimentação do Contra o aumento.^{XXIII}

Agostinho Rodrigues Torres foi um dos jovens universitários que participaram daqueles protestos, e que relata uma visão singular para aqueles protestos. Em sua fala, alguns pontos se sobressaem. Primeiro ele evidencia a heterogeneidade do movimento, diferente dos jornais da capital, que dia a dia apresentavam os manifestantes como um único grupo monolítico de “baderneiros a serviço de partidos de esquerda”. Então temos Cadernos do Tempo Presente, São Cristóvão-SE, v. 08, n. 04, p. 39-55, jul./dez. 2017| <http://www.seer.ufs.br/index.php/tempo>

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

o primeiro ponto em sua narrativa, a clivagem entre o “pessoal dos partidos” e os “independentes”.

O Contra o Aumento de Teresina havia sido convocado por entidades historicamente de esquerda, porém, nos dias que se seguiram aos protestos, diversos outros sujeitos aderiram ao movimento. “Os Sem Partidos” eram qualquer grupo ou manifestante que não estivesse diretamente ligado a uma estrutura hierárquica de comando, e que assim, fazia da sua ação, um reflexo de um coletivo organizado ou partidário. Estudantes secundaristas, *punks*, estudantes universitários, *hippies*, entre outros constituíam os “sem partidos”, ou “independentes”.

Em segundo, o relato revela um ressentimento com o modelo de manifestações feitas por grupos de esquerda, uma vez que ele diz que, para eles, caminhar pelas ruas, e falar palavras de ordem em frente à Prefeitura, tratavam-se de ações que não foram capazes de sensibilizar o Estado na resolução dos problemas. Quando um grupo decidiu encerrar o protesto, e outro seguiu com as manifestações, então se criou uma separação entre “eles” e “nós”.

Esse episódio, no entanto, praticamente não aparece no relato de um dos manifestantes ligados a partidos de esquerda, e que participava do Fórum de Defesa do Transporte Público. Segundo Rafael Veloso Freitas,

Eu acho que até a quarta-feira o fórum conseguiu coordenar os atos. Consegui ter um controle da... de como é que ia o caminho, o trajeto, o que que ia fazer, todas, é a gente sempre planejava... lógico a gente nunca sabia no que ia dar, né? Mas todo dia a gente tinha, fechava ali a manifestação que a gente ia se reunir, a gente planejava o outro dia, qual era o percurso que nós íamos fazer, qual era o objetivo e tudo mais. Até a quarta-feira, eu acho que a gente conseguiu cumprir isso, conseguiu organizar direitinho, na quinta-feira, depois que, a gente, no começo tava tranquilo, da concentração que a gente desceu pra Prefeitura e que teve a reunião.^{XXIV}

Segundo seu relato, o Fórum ganhou o aspecto de liderança central das manifestações, uma vez que controlou os atos pelo menos nos três primeiros dias. Porém, o Fórum, como relata o Jornal O Dia, após o primeiro dia de protestos, só convocou novamente protestos para três dias depois, na quinta-feira. Ainda assim, no mesmo número, o jornal avisara que “os líderes do movimento dizem que a manifestação vai continuar hoje e todos os dias até que seja resolvido o impasse [...]”.^{XXV}

Na terça e na quarta-feira, houve protestos convocados via redes sociais por diversos grupos e sujeitos, que apesar de construírem os atos com o Fórum, não faziam parte deste. O anúncio nas redes sociais, principalmente no *facebook* e *twitter*, rapidamente se espalhou, e diversas pessoas aderiram, inaugurando a maneira de mobilização no cenário teresinense. Desse modo, o #Contraoamento também foi campo de disputas políticas pelo protagonismo das ações. Mas por que Agostinho destaca o fato dos protestos terem continuado na segunda-feira, apesar do Fórum ter encerrado o ato, e Rafael Veloso Freitas nem sequer cita tal momento?

Do mesmo modo, tal momento não aparece nos jornais impressos que cobriam as manifestações. Dando um sentido de continuidade aos atos de protestos, ao mesmo tempo em que mantinha o discurso que os criminalizava, o jornal Meio Norte, informa que, após alguns atos de vandalismo no prédio da Prefeitura, “os protestos violentos se

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

estenderam para a porta do SETUT (Sindicatos Empresas de Transporte Urbano de Teresina), [...]”^{XXVI}.

No relato de Rafael Veloso, esse fato não ganha relevância, uma vez que isso significaria a perda de protagonismo por parte dos coletivos de esquerda que ele integrava. O seu esquecimento, dessa forma, evidencia como “[...] o processo de construção de memórias implica escolhas entre os fatos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados; e, ao fazer escolhas, o grupo também sublima, oculta ou esquece outros fatos”^{XXVII}.

Já para Agostinho Torres, foi ali, “por volta do meio dia da segunda-feira, dia 29 de agosto, que realmente os protestos começaram”. Mais do que isso, foi nesse momento que as esquerdas que tradicionalmente comandavam esse tipo de ação popular perderam sua representação junto às massas de manifestantes. Quando elas decidiram encerrar o ato, e se retirar de cena, um vácuo político foi criado, e outros atores entraram em cena. A partir dali não tinha mais carro de som, organização, atos pensados previamente. O imprevisto da ação de pessoas aleatórias que decidiram seguir com a manifestação semeou uma ruptura na representação política.

Os “sem partidos” ou independentes, seguiram em frente e conseguiram certa mobilização, ao ponto de eles, via redes sociais, marcarem novos protestos para a terça-feira, diferente da vontade do Fórum, que decidira só voltar se manifestar na quinta-feira. Desse modo, o ressentimento por terem sido de certa forma, “abandonados” pelo “pessoal dos partidos” fez com que os grupos independentes criassem sua autorreferência política, independente da burocracia e organização dos membros de coletivos e organizações sociais e partidárias.

A partir daquele momento, o #Contraoamento passara a ser um campo de disputas políticas, onde apesar dos partidos, coletivos e principalmente do Fórum seguirem como líderes dos protestos perante a mídia, na prática, eles tinham que disputar esse protagonismo com outras figuras, totalmente desconhecidas, em geral, grupos constituídos ao longo dos protestos ou até mesmo estudantes avulsos.

Ao constituir, de um lado, o pessoal dos partidos, e de outro, os independentes, Torres elencou para estes últimos, o papel de protagonistas nas manifestações, o que para ele significou justamente uma das “novas” características que fizeram os protestos alcançarem o êxito, e como devia de ser, era deste grupo que ele fazia parte nos protestos. Este foi sem dúvida o “mito fundador” do #Contraoamento para os independentes, ou seja: a crença num movimento heterogêneo, sem comandos centrais, onde jovens de formas múltiplas, constituíram uma manifestação sem precedentes na história de Teresina.

Não se trata, cabe ressaltar, ao chamarmos esse fato de “mito fundador”, de querer colori-lo como sendo um falso enunciado, pois precisamos entender que cada narrativa, cada apreensão da realidade tem um nexos com os fatos reais do passado. Como nos ensina Portelli, “um mito não é uma narrativa unívoca, mas uma matriz de significados, uma trama de oposições: depende, em última análise, de o individual ser ou não percebido como representativo do todo, ou como uma alternativa para o todo”^{XXVIII}.

Além de separar os participantes em vários grupos, entre “o pessoal dos partidos” e os “independentes”, Agostinho Torres constrói outra fragmentação na sua narrativa. O #Contraoamento não só foi uma série de manifestações onde vários grupos agiram de forma descentralizada, como também essa característica foi vista como nova forma de ação direta, diferente dos modelos anteriores de manifestações.

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

Para ele, seu grupo entendia que eles não poderiam “marchar” até a Prefeitura e dispersar depois das palavras de ordem, seria “caminhada gratuita”, como “todo ano faz” e “nunca acontece nada”.

Assim, ele cria um novo agir das manifestações em Teresina que emergiu nas práticas do movimento conhecido como #Contraoamento. Ao narrar o início das manifestações, este acaba por desenhar o que seria um modelo tradicional de manifestações em Teresina. Para ele, os manifestantes seguiam um *script* “Era a manifestação que sempre tem que realmente foi puxado pelo PSTU. Sempre tem aquela manifestação que você vai lá, no... digamos na Frei, anda até a Prefeitura, reclama com o prefeito e fala lá um monte de coisas e dispersa”.^{XXIX}

Desse modo, eles inauguram na trama uma nova prática. Em vez de caminhar, a imobilização; ao invés do diálogo com as autoridades constituídas, a desobediência civil. Analisando alguns desses movimentos que aconteceram em 2011, os sociólogos Michael Hardt e Antonio Negri, destacam que “naturalmente, esses movimentos compartilharam diversas características; a mais óbvia delas é a estratégia de acampamento ou de ocupação”.^{XXX}

A partir disso, podemos observar como mesmo um protesto organizado em Teresina, mantinha características semelhantes a movimentos que aconteciam do outro lado do mundo. As revoltas na Praça *Tahrir* no Egito, e na Praça Sintagma na Grécia eram citadas como referências para os manifestantes de Teresina. A rede mundial de computadores, a Internet, permitiu que muitas situações, exemplos e até mesmo solidariedades circulassem pelo mundo, ressoando em diversos cantos. Assim o #Contraoamento de 2011 se inseriu nesse novo ciclo de lutas que aconteceram pelo mundo, cada um com pautas específicas, porém ao mesmo tempo, pautas que ao serem analisadas de forma mais séria, tem muito em comum: a negação de um comando vertical, os acampamentos e ocupações, a desobediência civil, etc.

Além do início dos protestos revelarem essa cisão entre o “pessoal dos partidos” e os “Independentes”, o término dos protestos em 2012, tornou-se nas narrativas orais também um ponto importante de análise para compreendermos esse fenômeno da perda de representatividade política por parte dos grupos de esquerda. Um acontecimento marcaria o fim dos protestos em ambas as narrativas, porém com consequências totalmente distintas. No dia dez de janeiro de 2012, um forte efetivo policial reprimiu de forma violenta as manifestações, ocasionando uma série de feridos e presos. Aquele dia seria conhecido como “O Dia do Massacre”.

Segundo o jornal O Dia cerca de duzentos policiais participaram do ato de repressão, onde aconteceu de tudo um pouco, “uso de spray de pimenta, bombas de efeito moral, puxões de cabelo e prisões”.^{XXXI} Ainda segunda a reportagem um balanço inicial falava em torno de quinze manifestantes presos, que após passarem pela central de flagrantes foram encaminhados para presídios. Fato que posteriormente chamou a atenção da comissão de direitos humanos da Ordem dos Advogados do Brasil seção Piauí (OAB-PI), pois, o alto valor da fiança estipulada pelo então delegado geral da polícia civil parecia ser uma espécie de manobra do governo para impedir a saída dos presos, de modo, que um juiz posteriormente diminuiu em pelo menos dois terços esse valor.^{XXXII}

A expressão utilizada para representar esse dia de protestos, “dia do massacre” foi utilizada pelos manifestantes nas redes sociais, sendo praticamente inexistente nas notícias da imprensa piauiense, por isso dele surgir nos relatos orais. Para os jovens que participaram dos protestos naqueles dias e sofreram com a dura repressão, massacre era

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

a única palavra possível que podia conter o oceano de sentimentos e percepções apreendidas naquele dia, dor, medo, angústia, animosidade, dentre outros. Massacre, pois não agiu apenas numa dimensão simbólica ao desmobilizar as manifestações, mas também nos seus corpos. As marcas nos corpos, as prisões e dores constituíram-lhe um cenário de intensa violência desmedida.

Na sua narrativa, Rafael Veloso Freitas, entende que aquele episódio deu um ânimo para as manifestações, revitalizando-as, uma vez que ele entende que a população condenou a forte repressão, apoiando os manifestantes. Para ele, foi a rotina dos protestos, o cansaço natural, a perda de foco ou a desmobilização, as principais responsáveis pelo fim dos protestos:

Eu particularmente achava que as manifestações já estavam morrendo, dentro desse período de férias, nesse contexto de não ter muita mobilização, conseguir mobilizar muito..., e esse evento, essa atividade que teve esse acontecimento... é deu um gás pra continuar, a gente foi até o final de janeiro nessa coisa, nessa, nessa discussão, nessa... conseguir manter esses atos né?^{XXXIII}

Já para Agostinho Torres, esse evento ganhou outro significado, possibilitando outro relato. Ele responsabiliza “O Dia do Massacre” como o episódio-chave de desmobilização popular daqueles protestos. O medo ocasionado por tal repressão afastou os “independentes”, das ruas. Os secundaristas, que tinham grande participação nos atos, foram afastados das ruas pelas suas famílias, com medo também que estes acabassem feridos ou presos, como alguns que foram vítimas nos protestos:

E aquilo ali assustou muitas pessoas porque o que aconteceu não foi um simples... é conflito dos manifestantes contra a polícia. Teve um dia lá que a polícia puxava as meninas pelo cabelo, jogava bomba mesmo, muita bomba pra todos os lados, tiro de borracha atingiu muita gente. E isso assustou muita gente, isso foi o ápice da violência policial. [...] E depois daquele dia, que o pessoal chama de “O Massacre de 2012”, né? Depois daquele dia, ninguém teve mais coragem nem de ir pra rua, muito poucas pessoas. Por mais violento que seja, por mais forte que seja, as pessoas não conseguiam se indignar como o primeiro, porque não parecia só um conflito com a polícia, parecia realmente que eles estavam dispostos a prender e a machucar quem participasse daquilo ali e gerou muito medo, os pais mesmo não deixaram as pessoas ir. Enquanto que no primeiro os pais incentivavam as pessoas a ir pra aquilo ali.^{XXXIV}

Observamos duas versões não apenas distintas acerca do mesmo evento, como opostas, expressando a força dos significados atribuídos por cada interpretação, o que está diretamente relacionado à ótica dos grupos e indivíduos envolvidos com o movimento, assim como as diferentes formas de (re)significar esse passado.

Mesmo assim, ambos concordam que os protestos continuaram nos dias seguintes, mas, segundo Agostinho Torres, foi o seu grupo, os sem partidos, as principais vítimas do “dia do massacre”. Por isso, terem também sido os que mais se afastaram das ruas após a repressão policial. Desse modo, as narrativas em destaque colorem o mesmo acontecimento de maneiras opostas, dando-lhe, ora o martírio

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

coletivo, responsável por fortalecer os protestos; ora responsabilizando-o como o episódio final daqueles dias. Dessa forma, percebemos como ambas as narrativas se constroem na tentativa de fortalecer os enredos elaborados por cada um. Como explica Portelli,

As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos; os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem.^{XXXV}

De um lado, o episódio em questão é usado como mais uma demonstração de força, organização necessária das entidades de esquerda, que prontamente agiram na tentativa de ajudar os manifestantes. Rafael destaca o papel importante que o Fórum teve em conseguir se articular para angariar fundos para pagar as fianças dos manifestantes que foram detidos durante o dia do massacre. De outro lado, esse acontecimento, surge como o capítulo final do enredo dos indignados que se viram ali como soldados que capitularam diante do seu algoz mais forte. Para Torres, a partir dali, os independentes se retiraram das ruas, não suportando o peso da repressão e a força do “pessoal dos partidos”. Com a retirada desses grupos, ele destaca que o Fórum, e as demais entidades organizadas recuperaram o controle da manifestação, o que para ele, isso foi decisivo para que os protestos pouco a pouco se esvaíssem e melancolicamente acabassem.

Seu enredo ganha veracidade quando observamos nos jornais que a partir desse dia as manifestações não noticiaram mais confrontos policiais, nem depredações, muito menos acampamentos. As manifestações voltaram ao *script* tradicional, encerrando-se dias depois sem nenhuma pauta atendida pela Prefeitura. No jornal O Dia, logo após o “massacre” as reportagens sobre as manifestações foram diminuindo substancialmente, a ponto de simplesmente pararem de ser veiculadas.

Enquanto no jornal Meio Norte, em seu caderno do dia dezoito de janeiro, ainda destacou a realização de uma reunião entre representantes do movimento e o então prefeito de Teresina, e atual senador da república, Elmano Férrer. Segundo o jornal, a Prefeitura se comprometeu a implementar totalmente a integração eletrônica dos ônibus, além de fiscalizar melhor as empresas que exploravam os serviços.^{XXXVI}

Cabe a nós ressaltarmos que essa reunião não foi reconhecida pelo Fórum que puxava os protestos, pois para eles tratava-se de uma reunião meramente protocolar entre a prefeitura e algumas entidades que apoiavam os governos estaduais e municipais. Um dos nomes que participaram dessa reunião era o do atual vereador de Teresina pelo Partido dos Trabalhadores, Deolindo Moura. O ofício encaminhado pela prefeitura ainda tinha a presença de representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES), entidades que apesar de frequentarem as reuniões do Fórum, de fato, não o construíam desde o seu início. Segundo afirmou um estudante que compunha o Fórum para uma reportagem,

O Fórum em defesa do transporte público protocolou no dia 09 de janeiro de 2012 na Prefeitura de Teresina um pedido de reunião com o prefeito Elmano para discutir as reivindicações dos manifestantes. Segundo ele, a Prefeitura não deu resposta e resolveu ignorar solenemente o pedido de audiência da entidade.^{XXXVII}

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

Outro estudante do Fórum, na mesma reportagem, ainda chamou as entidades que se reuniram com a prefeitura de “oportunistas”. De certa maneira esse fato nos chama bastante atenção, uma vez que foi o Fórum que havia puxado as manifestações não ter participado dessa reunião, para nós isso demonstra o grande fosso que havia entre essas “lideranças” e a maioria dos manifestantes, que não se sentiam representados, pois a partir do momento que nem o Fórum, nem outra entidade possuía essa representação legitimada, qualquer entidade minimamente organizada poderia se colocar como representante do movimento.

Em segundo lugar, nos chamou a atenção que uma das pessoas que participaram dessa reunião com a prefeitura de Teresina era justamente uma liderança da juventude do Partido dos Trabalhadores, que na época das manifestações era um partido aliado ao governo da prefeitura de Teresina, como demonstra uma matéria do jornal O Dia:

Pensando em sua reeleição, o prefeito Elmano Férrer (PTB) abriu espaço em sua gestão para acomodar os aliados petistas e anunciou a criação de duas novas pastas: Secretaria Municipal de Habitação e Regulação Fundiária e a Coordenadoria de Políticas para as Mulheres. [...]. Na Habitação a indicada foi Viviane Moura (PT), [...]. Na Coordenadoria de Políticas para as Mulheres, comandará Andreia Lacerda (PT), [...].^{XXXVIII}

Esses vestígios deixam margens para pensarmos que aquela reunião possa ter sido uma manobra política por parte da prefeitura para se colocar como um ente que dialoga com o “povo”, ou com os seus legítimos representantes, e desse modo, esse quadro de um possível diálogo e acordo entre as partes serviu também para ajudar a diminuir os protestos, uma vez que significou a retirada das ruas de uma parcela de coletivos ou entidades, que se anunciavam como aqueles que conseguiram negociar com a prefeitura, e por um lado conseguir algumas vitórias para os estudantes, e por outro como aqueles que conseguiram dar fim ao “caos” que a cidade estava vivendo.

Até meados de fevereiro de 2012 o Fórum ainda conseguiu mobilizar alguns pequenos protestos, que aos poucos foram acabando com as manifestações do #Contraoamento, porém é inegável as mudanças operadas no cenário urbano teresinense na área dos transportes. Pela primeira vez se viu um poder público agir em resposta a uma mobilização popular na capital piauiense. A primeira resposta foi elencar uma série de promessas como a implementação do Plano Diretor de Transportes de Teresina finalizado em 2008, e a promessa da realização de uma licitação pública para a exploração do transporte, pauta antiga de movimentos sociais de Teresina, e que jamais havia sido concretizado.

Apesar dessas promessas, foi a implantação, meio atabalhoada, do sistema de integração, sem dúvida, a conquista mais concreta dos protestos naquele ano. Teresina era uma das poucas capitais do país, que na época ainda não possuía um sistema que integrasse suas linhas, facilitando o deslocamento e os gastos com o transporte para a maioria da população que necessitava desses serviços. Inicialmente a integração que entrou em vigor no dia 1º de janeiro de 2012 só integrava 33% das linhas de ônibus, a segunda passagem não era gratuita, tendo o passageiro que pagar ainda metade do valor da tarifa, e esse processo ainda era limitado temporalmente, pois o passageiro precisava pegar o segundo ônibus no prazo de uma hora no máximo.

Essas condições iniciais muito impossibilitaram que a integração fosse vista com bons olhos, tanto que elas foram elencadas como motivos para a volta dos protestos

A EXPERIÊNCIA DAS RUAS: OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

naquele janeiro de 2012. Ao contrário de outras cidades, a integração teresinense não era feita em lugares físicos, nos chamados terminais de integração, mas sim através do cartão eletrônico, considerado uma forma muito mais moderna e barata, visto que a prefeitura não precisava construir esses terminais, economizando o fundo público. Ainda assim, o então prefeito de Teresina, Elmano Férrer não conseguiu se reeleger, onde muitas pessoas colocaram os protestos do #Contraoamento como um dos responsáveis por essa não reeleição de Elmano.

Por outro lado, o vencedor das eleições naquele ano foi o então deputado estadual Firmino Filho (PSDB), que já havia sido prefeito de Teresina em outras duas ocasiões, e membro do grupo político que desde a redemocratização brasileira administra a prefeitura de Teresina, desse modo, a nosso ver, se Elmano perdera a eleição por causa dos protestos contra a situação dos ônibus da capital, como explicar a vitória de um dos políticos que pertencia ao grupo político que mais administrou essa situação, e que, portanto, poderia ter feito algo em prol da situação? Isso posto, esse fato coloca limites sobre o real impacto dos protestos nas eleições municipais daquele ano. Do mesmo modo, nenhum candidato a vereador que se colocou na campanha como liderança dos protestos, também conseguiu se reeleger naquela oportunidade.

Outra situação interessante que surgiu após os protestos do #Contraoamento foi o congelamento do preço da passagem para os estudantes em R\$ 1,05 até o ano de 2017, quando a prefeitura novamente reajustou o preço. Em compensação a passagem inteira subiu gradualmente desde 2012, saindo de R\$ 2,10 para R\$ 3,60 em 2018. Isso significa que nesse intervalo, a tarifa de ônibus subiu em média R\$ 0,25 centavos por ano. Novos protestos ainda surgiram nos anos anteriores contra esses aumentos, ainda assim não chegaram perto de repetir a mobilização que aconteceu em 2011 e 2012, o que coloca a questão das formas de mobilização popular novamente no seio do debate desses movimentos sociais.

Considerações Finais

Defendemos nesse texto, que os protestos conhecidos como #Contraoamento forjaram, na sua experiência, uma reelaboração acerca da representatividade política das organizações de esquerda, como tradicionalmente lideranças dessas movimentações populares. Congregando diversas entidades populares, partidos, coletivos, mas também sujeitos múltiplos que não eram simpatizantes de nenhuma organização política institucional, os protestos de 2011 e 2012 que ocorreram em Teresina, devido ao reajuste da tarifa de ônibus, foram um dos momentos-chaves onde podemos perceber a mudança no perfil dos manifestantes que foram para as ruas no começo do século XXI no Brasil.

Apesar de 2013 ser o ano reconhecido como sendo o momento em que os “apartidários”, ou “indignados” tomaram as ruas brasileiras, foi nos anos anteriores, que podemos observar o nascimento dessa característica no cenário teresinense. Impulsionados pelas redes sociais, onde qualquer um tem acesso à organização desses protestos, esses sujeitos transformaram o perfil dos manifestantes de rua, alterando assim também, o comportamento e a experiência desses sujeitos.

Assim, os relatos orais aqui obtidos, surgem como fonte, atestado, dessa nova relação representativa, de um cenário em que as representações tradicionais não possuem tanta força, onde as vanguardas de esquerda perdem terreno para uma base volátil, diversa e autorrepresentativa. Desse modo, esse modelo que se apresenta em

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

movimentos desde as últimas décadas do século XXI, repete-se também em outras situações, apontando para um movimento universalista, um movimento que não pode ser delimitado temporal e espacialmente. Estas características – como ocupar as ruas – do #Contraoamento, o inserem no ciclo de lutas que varreram o mundo no ano de 2011, apesar de suas pautas diversas e localizadas.

Nesse contexto, os relatos apresentados, evidenciam aquilo que Portelli chama de memória dividida, ou seja, em geral não existem apenas relatos de uma memória oficial e uma memória popular, “na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas”^{xxxix}. Assim, dentro da memória dos manifestantes que participaram do #Contraoamento, encontramos uma multiplicidade de relatos, capazes de colori-lo de singularidade e pluralidade de fatos, representações e relatos. Além disso, fica perceptível como os sujeitos em suas experiências constroem novas práticas e maneiras de se relacionar, capazes, inclusive, de romper com o modelo tradicional de representação política nesse tipo de evento.

^I Doutora em História pela Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Professora Associada da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil e do Departamento de História.

^{II} Mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Esse texto foi produzido com financiamento da CAPES.

^{III} LEVY, 1999.

^{IV} Em janeiro de 2011, articulando-se vias redes sociais milhares de egípcios saíram nas ruas do Cairo, capital do Egito, e ocuparam a praça Tahrir, reivindicando a saída do ditador Hosni Mubarak, que cairia antes de Fevereiro. Para saber mais ver: NEGRI; HARDT, 2016.

^V HARVEY, 213.

^{VI} Em setembro de 2011, centenas de pessoas começaram a ocupar o *Zuccoti Park* em Nova York com suas barracas de acampamento, reivindicando o fim da “tirania financeira” simbolizada na figura de *Wall Street*. Para saber mais: HARVEY, 2012.

^{VII} CASTELLS, 2016.

^{VIII} BARROS, 2004.

^{IX} FERREIRA, 2000.

^X RIOUX, 1999.

^{XI} *Ibidem*, 1999, p. 42.

^{XII} NEGRI; HARDT, 2014.

^{XIII} *Ibidem*.

^{XIV} MORADORES... **Jornal Meio Norte**, 01 jan. 1995, p. 10.

^{XV} Catração é o ato político e simbólico onde as pessoas literalmente pulam as catracas como forma de protesto contra os preços cobrados.

^{XVI} NOVA... **Jornal Meio Norte**, 30 ago. 2011, p. B/7.

^{XVII} SÓ BADERNA... **Jornal Meio Norte**, 30 ago. 31 ago. 2011, p. B/4.

^{XVIII} MOBILIZAÇÃO... **Jornal O Dia**, 30 ago. 2011, p. 02.

^{XIX} MADEIRA, @malu_madeira, 17 jan. 2012, 6:42 pm. Tweet.

^{XX} TORRES, @araceletorres, 22 jan. 2012, 4:42 pm. tweet.

^{XXI} CLEAVER, 1999; ARQUILLA; RONFELDT, 1996 apud MALINI, 2013, p. 159.

^{XXII} O Setut é o Sindicato das Empresas de Transporte Coletivos de Teresina e quem detêm até hoje a exploração dos transportes coletivos de Teresina, por isso sua ocupação era visto como algo simbólico. Se as péssimas condições do transporte coletivo era fruto de um descaso advindo das relações político-econômicas e a prefeitura simbolizava o lado político do problema, o sindicato simbolizava o lado econômico dessa moeda.

^{XXIII} TORRES, 2016, p. 02.

^{XXIV} FREITAS, 2016. p. 02.

^{XXV} ESTUDANTES... **Jornal O Dia**, 30 ago, 2011, p. 03.

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

- XXVI ESTUDANTES... **Jornal Meio Norte**, 31 ago. 2011, p. B/6.
XXVII MOTTA, 2012, p. 27.
XXVIII PORTELLI, 2006, p. 123.
XXIX TORRES, 2016, p. 02.
XXX NEGRI; HARDT, 2014, p. 11.
XXXI 7º DIA... **Jornal O Dia**, 11 jan. 2012, p. 08.
XXXII OAB... **Jornal O Dia**, 12 jan. 2012, p. 11.
XXXIII FREITAS, 2016, p. 15.
XXXIV TORRES, 2016, p. 17.
XXXV PORTELLI, 2006, p. 111.
XXXVI GRATUIDADE... **Jornal Meio Norte**, 18 de jan. 2012, p. A/4.
XXXVII FÓRUM... **Jornal Meio Norte**, 19 jan. 2012, p. B/8.
XXXVIII DUAS... **Jornal Meio Norte**, 01 jan. 2012, p. 02.
XXXIX PORTELLI, 2006, p. 106.

Referências Bibliográficas:

- 7º DIA de protestos é marcado por prisões e apreensões de manifestantes. **O Dia**, 11 jan. 2012.
- ARQUILA, John; RONFELDT, David. The advent of netwar. Santa Monica: **RAND**, 1996. Disponível em: <<http://www.rand.org/publications/MR/MR789/>>. Acesso em: 15 mai. 2006 apud MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.
- BARROS, José d'Assunção. **O campo da história**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL247. **Políciais da tropa de choque avançam sobre os manifestantes no dia 10 de janeiro de 2012, conhecido como o dia do "massacre"**. 2012. 1 Imagem. Disponível em: < <https://www.brasil247.com/pt/247/brasil/35079/Protesto-de-passageiros-vira-confronto-no-Piau%C3%AD-Piaui-Teresina-confronto-PM-estudantes-passagens.htm> >, Acesso em: 05 set. 2017.
- CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016. 17º Ed.
- CLEAVER, Harry. Computer-linked social movements and global threat to capitalism. Texas: **Texas University**, 1999. Disponível em: <<http://www.eco.utexas.edu/~hmcleave/polnet.html>>. Acesso em: 15 mai. 2006 apud MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.
- DUAS novas secretarias na prefeitura de Teresina. **Meio Norte**, 01 jan. 2012.
- ESTUDANTES depredam ônibus no centro. **Meio Norte**, 31 ago. 2011.
- ESTUDANTES planejam novas manifestações para hoje. **O Dia**, 30 ago. 2011.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. **Cultura Vozes**, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000. Disponível em: < http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/517.pdf >, Acesso em: 10/05/2016.
- FÓRUM diz que protestos vão continuar. **Meio Norte**, 19 jan. 2012.
- FREITAS, Rafael Veloso. O #Contraoamento de 2011 e 2012. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 19 de Dez. 2016. Entrevista cedida a Sthênio de Sousa Everton.
- GRATUIDADE na segunda passagem. **Meio Norte**, 18 jan. 2012.
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do Direito à Cidade à Revolução Urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

**A EXPERIÊNCIA DAS RUAS:
OS PROTESTOS DO #CONTRAOAUMENTO EM TERESINA (2011-2012)**

CLÁUDIA CRISTINA DA SILVA FONTINELES E STHÊNIO DE SOUSA EVERTON

- MADEIRA, Emanuele (@malu_madeira). #Contraoamento catracaço dando muito certo descendo para a Av. Maranhão. População feliz loucamente. 17 jan. 2012, 6:42 pm. Tweet.
- MALINI, Fábio. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulinas, 2013.
- MOBILIZAÇÃO estudantil. **O Dia**. 30 ago. 2011.
- MORADORES fazem barricada de protesto. **Meio Norte**, Teresina, 01 jan. 1995.
- MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Declaração** – Isto Não É Um Manifesto. São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- NOVA manifestação vai acontecer na quinta-feira. **Meio Norte**, Teresina, 30 ago. 2011.
- OAB considera fianças arbitrárias e vai protestar. **O Dia**, 12 jan. 2012.
- OMISSÃO entrega Teresina ao Caos. **O Dia**, 2011, 01 set, 2011, p. 01.
- PASSAGEM volta a R\$ 1,90 e planilha será auditada. **O Dia**, 02 set, 2011, p. 02.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- PROTESTO vira vandalismo e depredação. **Meio Norte**, 30 ago. 2011.
- RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se Fazer uma história do Presente? In: CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe (Orgs.). **Questões Para a História do Presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- SÓ baderna. **Meio Norte**. 31 ago. 2011
- TERESINA amanhece com tarifa de ônibus a R\$ 2,10. **O Dia**, 27 ago, 2011, p. 01.
- TORRES, Agostinho Rodrigues. O #Contraoamento de 2011 e 2012. Teresina, Universidade Federal do Piauí, 23 de Nov. de 2016. Entrevista concedida a Sthênio de Sousa Everton.
- TORRES, Aracele (@araceletorres). **Esse país onde lutar pelos seus direitos é sempre caso de polícia! #Contraoamento #pinheirinho**. 22 jan. 2012, 4:42 p.m. Tweet.